

Estado só inicia 1 de 7 obras contra crise hídrica

Sabesp conseguiu começar a interligação do Rio Guaió com o Sistema Alto Tietê

Fabio Leite

Apenas uma das sete obras de emergência previstas pela Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) para “atravessar o deserto de 2015” sem decretar rodízio oficial no abastecimento de água na região metropolitana já foi iniciada, segundo o presidente da estatal, Jerson Kelman.

“Hoje está sendo feita apenas uma (obra), que é a ligação do

(Rio) Guaió com a (Represa) Taiaçupeba. Brevemente, começará outra, que são duas adutoras que levarão água do (Sistema) Rio Grande para Taiaçupeba (Sistema Alto Tietê)”, disse Kelman, em debate sobre a crise hídrica promovido antontem pelo jornal *Folha de S. Paulo*.

A ligação do Rio Grande, que é um braço da Represa Billings, com a Taiaçupeba é considerada a obra mais urgente. O objetivo é levar 4 mil litros por segundo para o Alto Tietê, cuja estação de tratamento está subaproveitada porque o manancial está com 22,7% da capacidade. Com isso, a Sabesp prevê levar mais água desse sistema para socorrer a área do Cantareira.

Ao anunciar a ligação das duas represas, no fim de janeiro, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) disse que a obra começaria em fevereiro e seria concluída em maio. Agora, a previsão de entrega é julho, segundo a Sabesp. O custo estimado é de R\$ 130 milhões, e os contratos para execução das obras físicas e aquáticas, no valor de R\$ 46,6 milhões, foram assinados sem licitação no dia 27.

Além desse projeto e da obra já iniciada que prevê levar 1 mil litros por segundo do Rio Guaió para a Taiaçupeba, o pacote de intervenções emergenciais inclui a ligação do Rio Itatinga ao Sistema Alto Tietê e dos Rios Capivari e Juquiá ao Guarapiranga. Além disso, a Sabesp pre-

Sabesp admite que faz racionamento

● O presidente da Sabesp, Jerson Kelman, admitiu pela primeira vez que a redução da pressão da água, intensificada no início da crise, em 2014, é um racionamento, o que sempre foi negado pelo governo e pela sua antecessora no cargo, Dilma Pena. “Racionamento é algum tipo de restrição do uso da água. É claro que nós temos. Se nós reduzirmos 30% da produção de água, tem alguma restrição. Agora, há várias formas de racionamento. Uma delas é o rodízio. Outra é redução de pressão, outra é dar cotas para os consumidores. Nós não estamos em rodízio. Rodízio é muito mais do que nós fazemos hoje, e mais perigoso.” / F.L.

EMERGENCIAIS

● Obras que interligam rios na Grande São Paulo integram plano de contingência para o enfrentamento da crise hídrica



OBRA	CARACTERÍSTICAS	PREVISÃO DE ENTREGA	ANDAMENTO
1 Ligação Rio Guaió-Taiaçupeba	Construção de 9 km de adutoras para transferir 1 mil l/s até o Ribeirão dos Moraes, que deságua no Rio Taiaçupeba-Mirim, afluente da Represa Taiaçupeba, em Suzano, onde fica a estação de tratamento do Sistema Alto Tietê. Volume é suficiente para atender 300 mil pessoas	Maio	Em construção
2 Interligação Billings-Taiaçupeba	Construção de 11 km de adutoras para transferir até 4 mil l/s do Braço Rio Grande, em Ribeirão Pires, até o Rio Taiaçupeba, que deságua na represa em Suzano. Volume pode abastecer mais 1,2 milhão de pessoas	Julho	Em contratação
3 Ampliação do Sistema Guarapiranga	Aumento da capacidade de produção da estação de tratamento de 15 mil l/s para 16 mil l/s. Isso será feito a partir da transferência de mais 1 mil l/s da Billings para a Guarapiranga.	Setembro	Em contratação
4 Transferência Billings-Guarapiranga			
5 Ligação Rio Itatinga-Alto Tietê	Ligação do Rio Itatinga (que nasce no topo da serra e deságua em Bertioga) à Represa Jundiá, em Suzano, que pertence ao Sistema Alto Tietê. Transferência de até 1 mil l/s	Não divulgado	Em elaboração de projeto
6 Ligação Alto Juquiá-Guarapiranga	Construção de 5,5 km de tubulação para levar até 1 mil l/s do Rio Juquiá, em Juquitiba, até a cabeceira do Rio Santa Rita, afluente do Rio Embu-Guaçu, que deságua na Guarapiranga	Começo do 2º semestre	Em elaboração de projeto
7 Ligação Capivari-Guarapiranga	Ligação por tubulação do Rio Capivari, na zona sul de São Paulo, ao Rio Embu-Guaçu, que deságua na Guarapiranga, para transferir até 1 mil l/s	Começo do 2º semestre	Em elaboração de projeto

INFOGRAFICO/ESTADÃO

tende ampliar de 4 mil para 5 mil l/s a transferência de água da Billings para a represa da zona sul da capital e, com isso, ampliar a capacidade do Sistema Guarapiranga de 15 mil para 16 mil l/s. Neste caso, um contrato de R\$ 41,6 milhões, sem licitação, já foi assinado.

Condições. Para Kelman, a conclusão das obras emergenciais

sem atrasos é umas das condições necessárias para não adotar o rodízio. As outras duas são a continuidade da economia de água pela população e que o Cantareira receba até 80% da água que entrou no manancial em 2014, pior ano da história.

“Nós fizemos um elenco de possíveis obras, que serão defasadas no tempo, na medida que forem sendo necessárias”, afir-

mou Kelman, sobre o ritmo de execução das obras. Ele disse que a ideia das intervenções surgiu durante um sobrevoo que fez na região em seu terceiro dia à frente da Sabesp para detectar novas fontes de recursos de abastecimento.

À época, o Cantareira caminhava para esgotar o segundo volume morto. A recuperação parcial aconteceu com as chu-

vas de fevereiro e março, que ficaram acima da média. Ontem, porém, no primeiro dia da estação seca, que vai até setembro, não caiu nenhum milímetro nos seis mananciais da região. O único que não registrou queda foi o Cantareira (que subiu 0,1 ponto, para 19,1%), reflexo ainda da precipitação de segunda. Apesar disso, Kelman acha que o rodízio não será necessário.